

Memórias de uma mente imatura



Hugo Castilho

G A L E R I A M U N I C I P A L D O M O N T I J O

EXPOSIÇÃO
PINTURA SOBRE ALTO-RELEVO

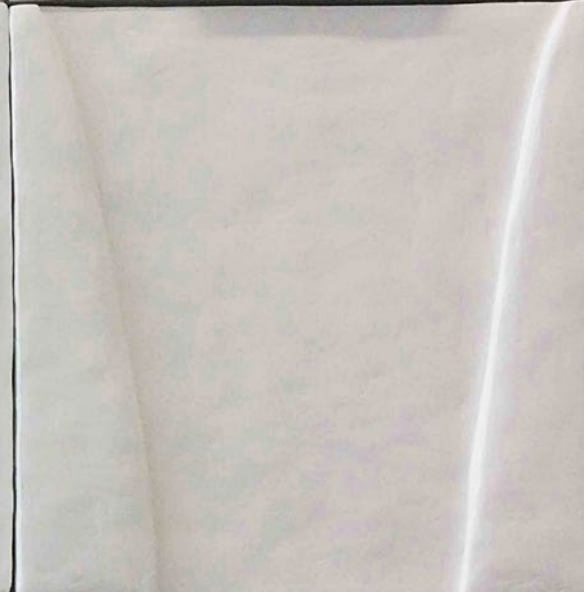
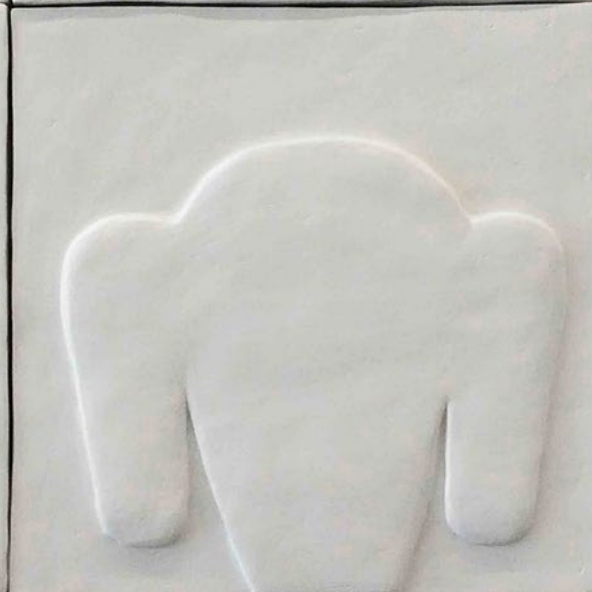
Memórias de uma mente imatura

Hugo Castilho

30 NOVEMBRO 2023 A 6 JANEIRO 2024
GALERIA MUNICIPAL DO MONTIJO



arteperiférica
GALERIA



E pronto! Já estamos de novo a chegar ao final do ano! E claro, a chegar ao Natal! Num tempo que nos traz tantas incertezas, em que precisamos de coragem para manter a esperança, para continuar a celebrar a vida, é essencial celebrar o Natal, buscar a segurança e o conforto da nossa família!

Para Hugo Castilho, o artista que agora se apresenta na Galeria, a família e as suas rotinas diárias são uma fonte de inspiração, a mãe, a avó e o gato, as memórias das suas vivências enquanto criança, os passeios e brincadeiras no campo, os filmes, os livros, as caminhadas no Estuário do Sado...

O trabalho de Hugo reflete um universo muito pessoal, onde o seu gosto pela fantasia se une ao desenho de alto-relevo, esculpindo-o primeiro, modelando as figuras humanas, os animais e a natureza, quase nos remetendo para a área da cerâmica, e só depois os pinta, daí resultando trabalhos com muita cor, muito humor mas também, éticos e pedagógicos.

Por tudo isto vale a pena visitar esta exposição e entrar no mundo onírico do artista!

Para todos vós, votos de um Feliz Natal!

O Presidente da Câmara Municipal

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Nuno Ribeiro Canta', with a stylized, flowing script.

Nuno Ribeiro Canta

A pintura entrou na minha vida repentinamente. No verão de 2016 tinha concluído a licenciatura em Artes Visuais e Multimédia, na Universidade de Évora - até então o meu desejo profissional era ser animador, fazer desenhos animados -, e com vinte anos regressei a Setúbal e comecei uma jornada de trabalhos temporários. Primeiro trabalhei como promotor, depois como ajudante de electricista, a seguir como trabalhador fabril e em finais de setembro consegui o meu primeiro contrato de trabalho como operador de logística... Não havia tempo para esperar por um emprego na minha área de estudo e, verdade seja dita, produzir animações no computador era um processo doloroso e demorado, revelando-se um aborrecimento em oposição às minhas expectativas. Necessitava de uma nova forma de expressão, que me ajudasse a ultrapassar esta desilusão que era o mundo adulto. Ao zigzaguear pelas divisões da casa entrei na dispensa e encontrei duas latas de tinta de esmalte - uma verde e uma azul. Estavam escondidas num canto ou diria mesmo perdidas (anteriormente tinham sido utilizadas para pintar as paredes do meu quarto e o da minha mãe). Levei-as comigo e testei-as sobre folhas de papel branco.

Na casa da minha mãe, vivia eu, ela (evidentemente), o nosso gato e a minha avó. A vida pregava-nos partidas quando menos esperamos, pelo menos é o que se costuma dizer. Eu acho mais que somos nós que pregamos partidas uns aos outros devido aos nossos atos e não por motivo de uma força exterior (só se for uma rabanada de vento). No caso da minha avó (naquele ano com 86 anos), ela pregava-me a maior partida da minha vida, ao escorregar no tapete da casa de banho, partir o fémur, ficar internada e durante esse período sofrer pelo menos dois AVCs. Ora, eu achava que fresco como estava com vinte anos e com a licenciatura concluída, estaria a caminho do outro lado do mundo para ser um ani-

mador de sucesso na Pixar, mas afinal era dezembro de 2016 e eu permanecia de pés firmes em Setúbal, a trabalhar como operador de logística e tinha uma das pessoas mais importantes da minha vida em grave estado de saúde. Neste sentido, agora que olho para trás, compreendo que foi de facto graças a esse infeliz episódio da minha avó que - ainda que ela tivesse jeito para fazer cágados com as cascas de nozes, grão seco e os pauzinhos dos pêros - a minha vida tomou um rumo completamente díspar daquele que alguma vez imaginei que fosse ter, ao mergulhar para dentro do mundo da pintura e consequentemente tornar-me artista plástico. Pois, nos dois meses seguintes, a minha rotina diária resumiu-se a três ações: durante o dia trabalhava e visitava nas horas vagas a minha avó e à noite pintava como um louco; um louco que precisava de deitar cá para fora toda a angústia e frustração que sentia. Repentinamente a pintura tornara-se a paixão nunca antes descoberta ou, não romantizando a coisa, a minha ferramenta de auxílio de escape à realidade - pelo menos de um ponto de vista prático, pois intelectualmente eram essas mesmas tensões que me moviam. Tecnicamente não tinha a escola da pintura, mas isso pouco importava dentro das quatro paredes do meu quarto, que era agora também um atelier. Óbvio que salpicar o meu quarto de tinta não agradou à minha mãe, todavia, não ao ponto de se opor e o bicho da pintura tinha-me mordido e havia pouco a fazer contra isso.

No início de 2017 quiseram que eu subisse para supervisor na companhia de logística onde trabalhava, no entanto eu tinha outras ideias e disse-lhes "Obrigado, mas eu sou pintor!" Eles riram-se e eu também. Sentia-me minimamente alegre por sair dali e ter a hipótese de desfrutar de uns meses sem trabalhar (agora que tinha aglomerado algum dinheiro) e dedicar mais tempo à pintura. Paralelamente à minha saída do trabalho, a minha avó recuperara o suficiente para ter alta na unidade de cuidados continuados, onde permanecera desde que fora trans-

ferida do hospital, e podia voltar também ela para a nossa casa. Como tal, a minha saída do trabalho acabou por ser oportuna de um ponto de vista doméstico, pois não só eu dava início aos meus primeiros passos enquanto pintor profissional, como também dava os meus primeiros passos como cuidador informal. E lá pintei e pintei todos os dias de manhã à noite. Durante o dia pintava e dava auxílio à minha mãe no cuidado da minha avó, sempre que ela estava fora de casa a trabalhar, e à noite permanecia fechado no meu quarto agarrado ao pincel. Eventualmente, fui progredindo e comecei a vender pinturas, ainda que por valores relativamente baixos, o que me motivou a continuar e a acreditar, ingenuamente, que poderia viver só disto, de pintar. Inspirava-me nas obras dos grandes artistas do século XX, como o Matisse, o Picasso, entre outros. A criação de um estilo particular, que os pintores que eu admirava auferiam, pareceu-me ser um elemento quase chave para o sucesso individual, a par de serem descendentes de doutores, banqueiros ou académicos... Ambiciosamente fui seguindo esse rumo, pois era desafiante e estimulante almejar tal feito, desde que mantivesse a minha vontade de criar aquilo que eu quisesse criar.

A minha avó (mesmo antes desse infeliz episódio) tinha Alzheimer, diabetes e com os AVCs e a perna debilitada, encontrava-se ainda muito atordoadada e com a mobilidade reduzida, permanecendo numa cadeira de rodas. Tornara-se uma sombra da mulher matulona e bem-disposta que era. Agora estava muito dependente. Porém, eu estava contente por a ter de volta e foi ela a minha grande companhia durante esta prematura fase enquanto pintor, e que, com o tempo, revelou ser a minha maior fonte de inspiração. Eu sentava-a na minha cama e ela ora ficava a dormir, e eu punha o jazz baixinho, ora ficava a ver-me pintar sobre as telas no chão rodeado de latas de tinta. A janela do meu quarto/atelier dava para as Hortas Urbanas de Setúbal e toda aquela natureza exterior deu também o seu contributo para criar um

ambiente estimulante e acolhedor e que hoje recordo com muita saudade, pelos momentos bonitos que ali passei com a minha avó, que me observava com os seus profundos olhos e sorria ao ver-me a pintar.

II

A fantasia de viver apenas à conta da pintura não passava disso, de uma ideia surreal. Quase dois anos depois, terminara o ciclo de tentar ser pintor sem trabalhar. O que poderia eu fazer para continuar a pintar? O que poderia eu fazer para comprar tempo? À terceira tentativa, a minha candidatura para o Mestrado de Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa foi aceite. No verão de 2018 trabalhei como operador de supermercado em Tróia, de modo a juntar dinheiro e em setembro fui viver e estudar para Lisboa com vinte e dois anos. Claro que ao fim de poucos meses fiquei sem dinheiro, ainda que a minha mãe contribuísse para a renda do meu quarto era insuficiente para os gastos de materiais artísticos, propinas, passes, alimentação, etc. Por isso, comecei a trabalhar em regime part-time como assistente de sala no museu do MAAT. Em relação à minha avó, ela foi recuperando ao longo do ano anterior comigo em casa - não totalmente pois andar nunca mais conseguiu - e antes de eu partir para Lisboa ela começou a frequentar um centro de dia em Setúbal, permitindo assim na minha ausência à minha mãe continuar a trabalhar.

Frequentar o mestrado de pintura foi uma experiência fundamental para o meu crescimento artístico. Para além dos bons professores e dos grandes amigos que fiz, cada um com criações distintas que punham em causa debates aborrecidos como: afinal o que é pintura?, o facto de ter um estúdio para trabalhar partilhado, que não na minha casa, que não no meu próprio quarto, permitiu-me dar asas à criatividade e ir mais além do que o método convencional de pintar com tinta sobre tela. Logo, acho que o

interesse pela tridimensionalidade possa ter surgido ao frequentar o atelier de cerâmica da faculdade, ao modelar diretamente com as mãos sobre o barro. E se o meu trabalho não fosse apenas pintura, mas sim pintura e escultura ao mesmo tempo? Não perdendo a tela pictórica enquanto suporte base de criação, durante o ano de 2019 fui experimentando diferentes tipos de massas industriais, que se encontravam na mesma estante do estabelecimento onde as ia comprar, passando pelo gesso, cimento, entre outros, até optar pela massa de alisamento (que serve concretamente para rebocar e alisar as paredes das habitações), como a matéria que correspondia às minhas necessidades de modelagem. Em 2020, com a pandemia de Covid-19, as horas de trabalho no MAAT eram escassas e estando a faculdade encerrada não tive outro remédio senão voltar para Setúbal, para a casa da minha mãe. O que à primeira impressão pareceu ser um passo atrás na minha carreira, uma vez que me afastava de Lisboa e das galerias e da vida cultural ativa, com o tempo, revelou ser um passo em frente.

De volta às origens, com a minha avó a não frequentar também mais o centro de dia (devido à pandemia) a minha rotina voltou a ser semelhante à que vivera anteriormente. À excessão de que regularmente ia de Setúbal até Belém, em transportes públicos, para trabalhar no museu (no pós-quarentena). Para além disso, tinha um projeto de investigação (tese) por terminar, o qual era sobre a figura animal e a fantasia na pintura. A representação da figura animal alienada com características da fantasia, segundo uma perspetiva de análise ética, determinou até à conclusão do mestrado no início de 2021, toda a minha produção artística. Deu-me a possibilidade com a prática de aprimorar a técnica de modelagem com massa de alisamento sobre a tela pictórica e pintando com tinta de esmalte como acabamento final, ao que denominei: pintura sobre alto-relevo; e investigar teoricamente a diversidade das formas e

das espécies animais e o seu valor simbólico na pintura e existência vital para o planeta. Nesse período, a minha principal fonte de inspiração veio das pinturas de animais por pintores como Franz Marc e Henri Rousseau, dos documentários de vida selvagem do David Attenborough e dos filmes de animação do cineasta japonês Hayao Miyazaki.

Por fim, livre mais uma vez da teoria académica, os primeiros contactos com a Galeria Arte Periférica surgiram e possibilitaram-me participar em várias exposições e vender obras com maior regularidade. Ao sentir que o valor monetário que fazia agora com as peças era equivalente ou superior ao ordenado que ganhava como assistente de sala no museu, optei por deixar o emprego e dedicar-me, mais uma vez, apenas à pintura.

III

Ao permanecer em casa consegui acumular mais tempo para produzir e refletir sobre o que estava a fazer, e de que forma poderia adotar ainda mais uma linguagem singular ao meu trabalho. Ao direccionar-me para o 'eu' como fonte de inspiração, sentindo que era esse o caminho que o trabalho estava a tomar, movido pela necessidade de me expressar plasticamente sobre a minha vida, de modo a que o trabalho artístico tivesse de facto algum significado para mim e um maior valor comunicativo; gradualmente o trabalho assumiu uma narrativa visual mais íntima, poética e humorística. O 'eu' enquanto temática artística permitiu-me retratar cenas do meu dia a dia, ou seja da minha vida quotidiana doméstica e dos elementos que faziam parte dela, como a minha mãe, a minha avó e o meu gato: dos cuidados intensos e repetitivos que tinha de ter com a minha avó, ou dos momentos de lazer com ela, que com humor cantarolava todos os provérbios ou ditos populares que a idade ainda não-lhe tinha varrido da memória e os quais utilizei como títulos das minhas

obras. No fundo, e superficialmente, a minha avó e a minha mãe tornaram-se as minhas musas, o meu modelo feminino: a representação da mulher maternal; idosa; trabalhadora e bela; por outro lado, o meu gato encarnou a figura ternurenta e mística do animal doméstico, que faz parte do quotidiano do ser humano, perpetuando assim a presença da figura animal no meu trabalho. De certo modo tornei o agradável, útil.

Simultaneamente, de modo a levar uma vida menos sedentária e a lavar os pulmões da massa e da tinta, comecei a fazer longas caminhadas solitárias, de manhã ao fim de semana, pelo bosque por trás das hortas urbanas em frente ao meu prédio. Ao sentir o silêncio da natureza; o cheiro das árvores e as cores das flores; ou escutar o chilrear dos pássaros, fui revivendo indiretamente todas aquelas memórias nostálgicas do passado em que vivi no meu antigo bairro campestre, onde cresci rodeado de vizinhos e de aventuras no mato. Memórias essas, que nunca desapareceram e que me acompanharam toda a vida, tinham agora espaço para serem transportadas para tela e transformadas em pinturas sobre alto-relevo. Ao ilustrar a atmosfera diária que respirava, dentro e fora de casa, foram naturalmente sobressaindo nas obras questões de crítica, sensibilização e inclusão social e também aspetos de senciência animal.

Desde então o meu processo criativo tem seguido uma estrutura pouco maleável. No momento de criar, primeiro elaboro estudos gráficos das imagens ou ideias que me vêm à cabeça, ou seja, intuitivamente vou rabiscando rapidamente com esferográfica preta sobre papel; de seguida faço uma curta seleção dos desenhos que poderão resultar melhor enquanto obras tridimensionais; com os eleitos, inicio o processo de transformação para pinturas sobre alto-relevo, no qual todas elas são elaboradas no chão de modo a que eu as possa, gradualmente, dia após dia, ir modelando com a massa até assumir um resultado figurativo semelhante ao estudo; por fim, pinto com tinta de esmalte.

Novamente, viver apenas à conta do lucro das obras mostrou-se insuficiente e joguei-me ao mundo do trabalho para poder sobreviver economicamente e ter alguma perspetiva de futuro. Que trabalho profissional pode um mestre em Pintura arranjar em Setúbal, sem contactos no setor cultural?, pode ir trabalhar como operador de loja e descarregar camiões e vender iPhones... A trabalhar nove horas diariamente com folgas rotativas, era-me impossível encontrar tempo, cabeça e força para produzir artisticamente. Tendo a possibilidade de sair e procurar outro emprego (ao não ter a responsabilidade de pagar uma renda todos os meses), despedi-me ao fim de poucos meses com a mesma justificação de quando há anos era operador de logística e disse: "Eu sou pintor". No entanto, eu não podia dar-me ao luxo de repetir estas justificações; como se ser artista e pintar e esculpir fosse a única coisa que eu sei ou nasci para fazer, e que basta ser resiliente e trabalhar arduamente sem nunca desistir para almejar o 'sucesso'... A arte é um negócio e o tempo o seu melhor agente. Continuando: posteriormente trabalhei como técnico de AEC pelas escolas de Setúbal, realizando atividades lúdico criativas. Atualmente, desde do verão de 2023, trabalho como monitor no projeto de inclusão social Sem(In)Diferenças, onde dou o meu contributo como monitor na dinamização de diversas atividades lúdico pedagógicas com crianças e jovens do bairro da Bela Vista em Setúbal, com incidência na evolução do seu sucesso escolar. Felizmente, este emprego para além de ser gratificante pessoalmente em vários níveis, permite-me permanecer com um pé dentro do carrossel que é esta vida romântica de artista operário e continuar a esculpir e pintar memórias de uma mente imatura.

Memórias de uma mente imatura
Hugo Castilho, 26/10/2023



Não sei se estou só ou se fui abandonado

Técnica mista sobre tela

40 x 50 x 5 cm

2022

Página seguinte

Quem é quem?

Técnica mista sobre tela

60 x 60 x 5 cm

2022



**Já passou algum tempo desde a última
vez que olhaste para mim**

Técnica mista sobre tela

41 x 129 x 4 cm

2021





**Velozes e bonitinhas, para onde foram
todas as libélulas e libelinhas?**

Técnica mista sobre tela

240 x 80 x 5 cm

2022



**Vai lá para o teu ninho ver filmezinhos
japoneses!**

Técnica mista sobre tela

82 x 62 x 3 cm

2021

**No campo em que nasci,
a brincar cresci!**

Técnica mista sobre tela

90 x 70 x 5 cm

2021







Há brincadeiras que só se têm uma vez

Técnica mista sobre tela

70 x 140 x 3 cm

2022

Página anterior

**Passarinho para que cantas
alegre ao pé de quem chora?
Eu bem sei que cantas bem,
abre as asas e vai-te embora!**

Técnica mista sobre tela

70 x 70 x 5 cm

2021



Os vadios comem estrelas, Técnica mista sobre tela, 100 x 120 x 5 cm, 2023



**Procuro ser silencioso,
mas os galhos no chão
denunciam como
sou pouco habilidoso!**

Técnica mista sobre tela

32 x 42 x 5 cm

2021





Já é tempo dum salto-alto

Técnica mista sobre tela

50 x 40 x 5 cm

2022

Página anterior

A Beta é gótica

Técnica mista sobre tela

40 x 40 x 5 cm

2022



Toda a velhota foi criança

Técnica mista sobre tela

120 x 70 x 5 cm

2023



Quando a tua vez chegar, espero estar cá, para te recordar, Técnica mista sobre tela, 70 x 80 x 4 cm, 2021





Dorme bem

Técnica mista sobre tela

25 x 18 x 5 cm

2021



**E se as pequenas coisas
forem o melhor da vida?**

Técnica mista sobre tela

40 x 50 x 5 cm

2023

Página anterior

**É uma casa alentejana,
com certeza**

Técnica mista sobre tela

40 x 40 x 5 cm

2022

Domingo de manhã
Técnica mista sobre tela
27 x 17 x 3 cm
2021



Página seguinte
**Lá está o gato,
à janela do teu quarto**
Técnica mista sobre tela
40 x 50 x 5 cm
2022







HUGO CASTILHO

Setúbal, Portugal 1995

Formação

2021 - Mestrado em Pintura - Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

2016 - Licenciatura em Artes Visuais e Multimédia - Universidade de Évora

Exposições Individuais

2023 - *Ainda acredito que o céu é azul*, Casa da Cultura, Setúbal

2022 - *Falinhas-mansas*, Casa Bocage, Setúbal

2022 - *Deita a palha ao burro e come tu também!*, Galeria Arte Periférica, Centro Cultural de Belém, Lisboa

2019 - *Mosaico amarelo e uma mulher a olhar para ti*, Casa da Cultura de Setúbal, Setúbal

2017 - *Expressão do Rosto*, Casa da Cultura de Setúbal, Setúbal

Exposições Colectivas

2023 - Prémio Arte Jovem Millennium BCP, Centro Hospitalar Júlio de Matos, Lisboa

2023 - Colónia de Férias, Galeria Plato, Évora. Curadoria de Diogo Ramalho

2023 - *Hearts On Fire*, Galeria Plato / A Homem Mau, Lisboa. Curadoria de Diogo Ramalho

2022 - *S/Título N.º 3*, Corrente Arroios, Lisboa

2021 - *Drawing Room 2021*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa. Representado por Galeria Arte Periférica

2021 - 30.º Aniversário Galeria Arte Periférica, Galeria Arte Periférica, Lisboa

2020 - *Quantos A4 cabem no ÀQuatro*, Edifício ÀQuatro, Barreiro

2019 - *A vida é um emaranhado de nós*, Zet gallery, Braga. Curadoria de Helena Mendes Pereira

2019 - 13.ª edição GAB-A, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

2018 - *Exposição de Primavera - ARTISET*, Sado Hotel, Setúbal

2018 - XIX Festival Expressarte - *Encontro de Expressões Artísticas*, Casa do Largo, Setúbal

2018 - 7th International Art Exhibition in Small Format 20x20, Centro de Artes e Espetáculos Fig. da Foz, Figueira da Foz

2017 - XIX Festival Expressarte - *Encontro de Expressões Artísticas*, IPS, Setúbal

Prémios

2023 - Prémio Arte Jovem Millennium BCP

Projetos de Arte Pública

2020 - *São Vicente Cá Fora*, Zet gallery & DST Group, Lisboa

2018 - *Setúbal Mais Bonita*, Câmara Municipal de Setúbal, Setúbal

2017 - Workshop de Desenho XIX Festival Expressarte - *Encontro de Expressões Artísticas*, EMMI Setúbal, Centro Multicultural de Setúbal

Publicações de imprensa

2022 - Jornal S/Título Edição N.º 3

2021 - Público, *À procura dos jovens artistas na Drawing Room*

+351 919 873 099 hugomanitacastilho@gmail.com

Website: <https://hugomanitacastilho.wixsite.com/castilho>

Instagram: @hugomcastilho

Página anterior

Hoje é noite de lua cheia!

Técnica mista sobre tela

60 x 60 x 3 cm

2021

FICHA TÉCNICA CATÁLOGO

Título Memórias de uma mente imatura:
pintura sobre alto-relevo | Hugo Castilho

Edição Câmara Municipal do Montijo

Autor Câmara Municipal do Montijo

Organização Galeria Municipal do Montijo

Texto Hugo Castilho

Fotografias Cedidas pelo autor

Projeto gráfico Gabinete de Comunicação e Relações
Públicas

Divulgação Gabinete de Comunicação e Relações
Públicas

Impressão AD Print Unip. Lda.

Tiragem 350 exemplares

Depósito Legal 524802/23

ISBN 978-989-8122-97-1

FICHA TÉCNICA EXPOSIÇÃO

Produção e Organização Divisão de Cultura,
Bibliotecas, Juventude e Desporto/ Galeria Municipal

Design Gráfico Gabinete de Comunicação e Relações
Públicas

Montagem Divisão de Cultura, Bibliotecas, Juventude
e Desporto/ Galeria Municipal
Divisão de Obras, Serviços Urbanos e Ambiente

Montijo, novembro 2023

Galeria Municipal do Montijo
Rua Almirante Cândido dos Reis, 12 • 2870-253 Montijo
telefone 21 232 77 36 **e-mail** cultura@mun-montijo.pt
terça a sábado das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30

www.mun-montijo.pt

 [galeriamunicipalmontijo](https://www.instagram.com/galeriamunicipalmontijo)



O sarau de ginástica, Técnica mista sobre tela, 40 x 80 x 3 cm, 2021

Parceria com a Galeria Arte Periférica



arteperiférica
GALERIA

